

grande esforço de observação para serem identificadas. Os pais precisam estar atentos, observando com serenidade e, tanto quanto possível, sem que a criança se sinta estudada, pesquisada e vigiada como um bacilo ou cobaia de laboratório. O instrumento preferencial para essa busca é a conversa, a comunicação. Por isso recomendamos, logo de início, conversar com os bebês, mesmo na fase em que não têm condições para nos responderem da maneira que gostaríamos, ou seja, também conversando conosco. Pelo menos estarão sabendo o que pensamos a respeito deles e do mundo que nos cerca. Mais do que isso, porém, estaremos abrindo canais de comunicação com eles, tendo acesso ao pequeno cosmos individual que cada um de nós traz consigo.

A criança não é dotada de toda essa plasticidade que se proclama por aí, barro macio do qual podemos fazer aquilo que desejarmos. Há quem costume dizer que “é de pequeno que se torce o pepino”. Mas não é bem assim que funcionam as coisas. Isso não quer dizer, contudo, que a criança deva ser abandonada às suas inclinações, quaisquer que sejam, ou, ao reverso, oprimidas ao ponto de ficarem sem espaço para movimentação de sua personalidade.

É claro que espíritos rebeldes, agressivos, dados à violência ou à crueldade, precisam ser reorientados através de um regime disciplinar sem exageradas severidades, mas firme. Fazer-lhes todas as vontades, realizá-lhes todos os caprichos e fantasias, achar uma gracinha todas as suas demonstrações de falta de civilidade corresponde a um processo de deseducação que irá contribuir para que se consolidem tendências negativas já em si mesmas de difícil erradicação.

Se me permite o leitor, poderemos ilustrar os aspectos teóricos desse jogo de interesses e tendências com uma historinha que você, se assim o entender, poderá tomar como fictícia. Tanto me impressionou esse episódio que escrevi sobre o tema um artigo, em inglês, publicado nos Estados Unidos, creio que em 1965, e o reescrevi, muitos anos depois, desta vez em português, para publicação no Brasil.

Convencido de que o compositor Felix Mendelssohn-Bartholdy fora a reencarnação de Wilhelm Friedemann Bach, um dos filhos do grande Johann Sebastian, estabeleci um paralelo entre as duas vidas, que ocorreram na Alemanha, com um intervalo de vinte e cinco anos entre elas. Ou seja, Friedemann morreu em 1788, aos 74 anos de idade, enorme talento esbanjado numa existência de indisciplina e desajustes; enquanto Mendelssohn nasceria em 1809, para morrer em 1847, com apenas 38 anos de idade.

O desenvolvimento dessa vida, como Mendelssohn, relativamente curta, parece indicar que sua tarefa específica consistiu mesmo em recriar condições para que a magnífica música de Johann Sebastian Bach fosse posta no lugar de honra e destaque que lhe era devido. E que Wilhelm Friedemann tratara com lamentável descaso a obra de seu genial pai, e muito contribuiu para que ela fosse logo esquecida, mesmo porque originais de importantes partituras se perderam por sua culpa, algumas para sempre.

Um espírito assim, tão generosamente bem-dotado, porém bastante irresponsável e indolente, desordenado e rebelde, certamente precisa de pais amorosos, compreensivos e dedicados, mas que sejam, também, severos disciplinadores. Foi o que aconteceu a Felix, que renasceu em família rica, harmoniosa, inteligente e culta. Tanto seu pai Abraham como sua mãe Lea Salomon demonstraram raro equilíbrio emocional entre a severidade disciplinar

para com os filhos e um excelente relacionamento de compreensão e amor.

Submetidos a esse regime disciplinar, contando com o apoio financeiro e amoroso dos seus, Felix pôde desenvolver seu vasto talento, com uma precocidade segura de quem já viera sabendo de tudo aquilo.

Tenho minhas dúvidas de que ele houvesse conseguido realizar tanto, em apenas trinta e oito anos de existência física, não fosse aquele maravilhoso grupo de amigos espirituais entre os quais renasceu.

Um firme regime de disciplina, portanto, é perfeitamente compatível com um relacionamento amadurecido, afetuoso e criativo. As vezes até parece que o grande Bach, do mundo espiritual, ajudava a supervisionar seu trabalho e até escrevia música pelas mãos de Felix, como se pode inferir ao ouvir a belíssima introdução da Terceira Sinfonia, denominada Escocesa, uma homenagem a Mary Stuart.

Posso acrescentar uma nota, na qual também não exijo que o leitor acredite: encontrei Wilhelm Felix reencarnado novamente, desta vez no Brasil. O imenso talento e a apurada sensibilidade continuam lá, no seu espírito, mas como não conseguiu dominar de todo as tendências dispersivas do passado, não se realizou, desta vez, como seria de esperar-se de seu magnífico potencial. Recaiu na antiga fase de indisciplina mental e segue pela vida a esbanjar talento, indiferentemente, tanto quanto nos tempos em que era Friedemann.

É lenta, sem dúvida, nossa caminhada evolutiva, e embora o espírito não regrida, como nos ensinam os que sabem de tais coisas, podemos ter recaídas, quando as conquistas espirituais ainda não estão bem consolidadas. Com o que voltamos a cometer o mesmo tipo de equívoco, do qual já de há muito poderíamos estar livres se exercêssemos um pouco mais de autodisciplina.

Não digo, pois, que “é de pequeno que se torce o pepino”, nem que “pau que nasce torto nunca endireita”. Nada disso! Não é preciso torcer o pepino, basta regá-lo com o orvalho de nosso afeto, evitando que predadores ou pragas o ataquem. Não há, porém, a menor dúvida de que, se temos em relação aos filhos uma grave responsabilidade, cabe-nos uma quota correspondente de autoridade. Essa autoridade deve e precisa ser exercida, com amor mas, também, com firmeza; sem berros e pancadarias, mas sem tibiezas. Há o momento do — Não! tanto quanto o do — Sim.

Como vimos, há uma sólida razão para que o espírito recém-encarnado viva um período em que se torna mais acessível à influência e ao aconselhamento orientador. Tenho visto pais arrependidos de haverem sido excessivamente tolerantes com o que encaravam como meras travessuras de seus filhos, mas nunca os ouvi lamentarem-se por terem sido severos, a não ser que hajam cometido algum excesso.

Estranho como pareça, é comum ouvirmos filhos adultos manifestarem seu reconhecimento pelo regime disciplinar a que foram submetidos na infância. E não raro ouvimo-los lamentarem a fraqueza dos pais ante suas turbulências ou o desinteresse deles em dar combate às tendências negativas de caráter dos filhos. Não é fazendo todas as suas vontades que estaremos demonstrando nosso amor por nossos filhos. Pode haver perfeito equilíbrio entre respeito e descontração, entre liberdade e disciplina, entre amor e autoridade.

Estaremos, assim, ajudando-os a desenvolverem suas potencialidades,

de vez que para isso foram eles programados pela mãe natureza. Quanto ao pau torto... também precisa de apoio e compreensão. Um dia ele perceberá, pela sombra que projeta no chão, que é feio ser torto. Por isso, da próxima vez que ele “reencarnar-se através de uma de suas sementes ou mudas, ele próprio vai cuidar de crescer reto e elegante, na direção do céu azul, como toda árvore que se preza.

Deus nos deseja purificados e redimidos, mas não nos atropela, nem exerce sobre nós qualquer pressão insuportável ou deformadora. Prefere que crescamos, física e espiritualmente, segundo nosso próprio ritmo pessoal, dentro de um esquema em que o máximo possível de espaço nos é concedido para fazê-lo. Certamente, a disciplina é ingrediente indispensável à receita de viver. Ainda há pouco me dizia um espírito muito amado que se Deus exagerasse sua complacência conosco, não teríamos oportunidade de evoluir.

Em suma, não se torce o pepino, ele deve ser cultivado.

E por falar em Deus, a que tipo de religião ou crença devem nossos filhos ser encaminhados? Ou será que é melhor levá-los logo à descrença, para que eles próprios decidam o que fazer?

É o que vamos considerar a seguir.